

A Ilusão

Americana

26. X Raul Pilla 57

NUM de seus recentes artigos, Dorothy Thompson faz à política do seu país algumas críticas que bem merecem a nossa atenção. Em tôdas as crises, domésticas ou exteriores — diz ela — a administração revela mentalidade infantil. Pergunta, em seguida, a propósito dos últimos casos em que o govêrno procedeu desastradamente: "Quem decide, que decide e por que decide?" Como se vê, nos Estados Unidos também não são claros, muitas vêzes, os designios do govêrno. E muito alta não parece a sua mentalidade, não obstante o presida um homem notável, como Eisenhower.

Nenhuma novidade há nisto. A mediocridade dos homens públicos norte-americanos é facto geralmente reconhecido pelos publicistas. Raras exceções são presidentes, como Wilson e os dois Roosevelts, e secretários como Elihu Root e Cordell Hull.

Tratando do confisco de fundos egipcios, motivado pela questão do canal de Suez, indaga a jornalista a razão do insólito ato. Somos nós, porventura, corretores da Companhia do canal de Suez? Se o somos, por que o somos? E explica ela, em seguida:

"Que ninguém formule essa pergunta, das mais simples. Neste país o poder, hoje em dia, nunca sente a necessidade de apresentar razões para nenhum dos seus atos".

Ai está o que succede nos Estados Unidos, apesar das virtudes cívicas do seu povo. De estranhar será que nos países da América Latina se tenha estabelecido a ditadura, constitucional algumas vêzes, extra-constitucional outras? Cá e lá, tudo obedece ao determinismo do sistema presidencial, que a mesma publicista deseja ver substituído pelo parlamentar no seu país.

É necessário que dissipemos a "ilusão americana" e saibamos que nada há de modelar, na vida política dos Estados Unidos, a qual tem por constantes a mediocridade e a corrupção.